

## RECENSÕES

### **A criação do mundo americano**

**Luís Nuno Rodrigues**

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa / Secção Autónoma de História

**James Chace, Acheson.**

**The Secretary of State Who Created the American World**

Nova York: Simon & Schuster, 1998, 512 pp.

Dean Acheson é provavelmente o mais «biografável» e «biografado» dos políticos norte-americanos do século xx. A profusão de trabalhos sobre o Secretário de Estado que criou o «mundo americano» é, aliás, directamente proporcional à sua importância em termos da configuração das relações internacionais no mundo ocidental após a Segunda Guerra Mundial. James Chace, o autor da biografia aqui recenseada, chega mesmo a considerar Acheson como «a mais importante figura na política externa norte-americana desde John Quincy Adams» (p. 12). Acheson teve, com efeito, um papel preponderante na definição de políticas e na criação das estruturas institucionais que caracterizaram o mundo desde o fim da guerra até aos dias hoje. Na verdade, muitas dessas estruturas sobreviveram para além do próprio fim da Guerra Fria, continuando portanto a existir depois de desaparecida a conjuntura que, supostamente, teria justificado a sua criação. Isto, obviamente, se partirmos do princípio de que a criação de instituições como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, bem como o desenvolvimento do Plano Marshall e da nato, tinha como objectivo fundamental o erguer de uma frente institucional e militar para fazer face à crescente ameaça soviética e não a projecção internacional do «poder hegemónico» ou da «preponderância de poder» que os Estados Unidos alcançaram durante a administração de Harry Truman<sup>1</sup>.

O trabalho de Chace vem lembrar-nos o papel decisivo de Dean Acheson na criação desse mundo americano. Trata-se de um livro extremamente equilibrado que, ao contrário do que o seu título possa indicar, nem por isso consagra mais espaço ao período em que Acheson foi Secretário de Estado. Aliás, um dos grandes méritos da obra de Chace é justamente o de nos darum retrato vivo e completo de Dean Acheson desde a sua infância em Middletown, Connecticut, até à sua morte em Outubro de 1971, passando, por exemplo, pelos seus anos na Universidade de Yale. Chace deixa-nos antever, por exemplo, a importância decisiva que na formação do jovem Acheson tiveram três grandes nomes do Direito e da Justiça norte-americana: o seu professor na Harvard Law School, Felix Frankfurter, o seu primeiro «patrono», depois juiz do Supremo Tribunal, Louis Brandeis e o juiz do Supremo Tribunal, Oliver Wendell Holmes.

Os outros dois grandes méritos da obra de Chace, sob o ponto de vista formal, são, por um lado, a escrita viva e escorreita de Chace que faz do livro uma leitura agradável e entusiasmante e, por outro lado, o extraordinário trabalho de recolha de fontes e de consulta de bibliografia feito pelo autor. Nota-se que o livro foi pensado e escrito de uma forma cuidadosa e que Chace não se limitou a recorrer aos testemunhos mais evidentes (como as memórias de Acheson, por exemplo) mas procurou alargar o mais possível o

leque de fontes consultadas. Muitas vezes sucede que biografias escritas em tom vivaz e com uma estrutura narrativa aprazível pecam por um menor rigor na consulta de fontes sobre o assunto. Noutros casos acontece o oposto: o rigor posto na heurística não é acompanhado pela facilidade de expressão e pela fluidez do texto. James Chace consegue juntar os dois requisitos: o livro é por isso recomendável tanto para estudiosos e académicos, como para leigos fascinados pelos meandros da diplomacia e da política externa (e também interna) norte-americana. Mas não só: frequentemente o autor afasta-se do mero registo político-diplomático para entrar em campos como a psico-história, a história das mentalidades e até, nalguns momentos, a história económica.

Sob o ponto de vista dos conteúdos, o ponto mais discutível do livro de Chace é aquele em que o autor nos pretende demonstrar que, ao invés de ser um inveterado «Cold Warrior», Dean Acheson tentou tudo por tudo para conseguir uma certa «acomodação» com a União Soviética, tendo sido as acções dos Soviéticos que eventualmente o convenceram de que uma estratégia de «containment» seria a mais adequada. James Chace é convincente ao relatar detalhadamente o papel de Acheson na comissão americana encarregue de definir a política de partilha do conhecimento atómico, mostrando-nos como o futuro Secretário de Estado favorecia na altura uma relativa aproximação com a União Soviética, pensando que a partilha controlada do conhecimento científico sobre a energia atómica seria a melhor maneira de evitar um uso prejudicial desse mesmo conhecimento. No entanto, neste esforço de «desculpabilização» da figura de Acheson, Chace acaba por simpatizar com a velha tese tradicionalista de que a Guerra Fria não seria mais do que uma reacção inteligente e pragmática dos norte-americanos contra avanços e atitudes soviéticas e não a consequência de uma estratégia deliberadamente seguida pelas elites políticas norte-americanas, estratégia essa que o próprio Dean Acheson se encarregaria de definir em 1947, a propósito das crises na Grécia e na Turquia: «The British are pulling out everywhere, and if we don't go in, the Russians will» (p. 165).

A chamada historiografia revisionista norte-americana tem, pelo contrário, sugerido um Acheson-político muito mais próximo do Acheson-adolescente descrito por Chace. Aquele que, ao tratar do seu pequeno cavalo, teria descoberto rapidamente a melhor maneira de com ele lidar: «he knew who was afraid and who would fight back. The timid did well to feed him sugar on a tennis racquet; but he was gentle as a lamb if one had one's fist cocked for a fast punch in the nose» (p. 16). Segundo Chace, uma lição de que Acheson nunca se esqueceu durante toda a sua vida.

Muito impressionante nesta obra é também o facto, bem salientado pelo autor, de Dean Acheson continuar a ter uma influência duradoura na administração norte americana, sobretudo na condução da sua política externa, muito tempo depois de abandonar o cargo de Secretário de Estado. É significativo o facto de Acheson ter sido uma das primeiras pessoas com que os presidentes John Kennedy, Lyndon Johnson e até Richard Nixon se reuniram após as suas respectivas eleições. Nenhum dispensou o conselho de Acheson, quer no que respeita à condução global da política externa americana, quer no que respeita a soluções concretas para casos mais pontuais. Outro dos aspectos mais bem conseguidos da biografia de Acheson é o modo como Chace nos faz ver o constante entrecuzar entre política interna e política externa nas administrações norte-americanas. É especialmente bem tratada a questão do relacionamento do Executivo com o Congresso, que se encontra sempre presente em todos os momentos cruciais da política externa

norte-americana do pós-guerra. Uma vez mais, Acheson, nas suas próprias palavras, descreveu como ninguém a estratégia a seguir: «to say politics stops at the seaboard – and anyone who denies that postulate is a son-of-a-bitch and crook and not a true patriot. Now if people will swallow that, then you're off to the races» (p. 184).

Também particularmente feliz (e desta vez pagando tributo às ideias de «revisionistas» como Frank Kofsky e Richard M. Freeland)<sup>2</sup> é o modo como Chace analisa o posicionamento de Dean Acheson em relação ao McCarthyismo. Ao invés de o apresentar como uma simples vítima da retórica quase-fascista do senador do Wisconsin, Chace sugere que tanto Truman como Acheson acabaram por ter uma certa quota-parte de responsabilidade no pesadelo McCarthyista. Foi, de facto, a administração Truman que, primeiramente, exagerou o tema do perigo e ameaça comunistas, tanto a nível interno como externo, a fim de garantir o apoio do Congresso para a sua política externa. A retórica exagerada sobre o perigo comunista, usada por Truman e Acheson para mobilizar a opinião pública e o Congresso no sentido de apoiar a doutrina de Truman, o Plano Marshall e a criação da Aliança Atlântica, e a instituição, por parte da administração, de organismos como o Loyalty Review Board contribuíram, de sobremaneira, para criar a atmosfera que tornou o McCarthyismo possível.

Uma última palavra para a alusão, necessariamente breve, de Chace ao papel de Dean Acheson no conflito que terá oposto «Europeístas» a «Africanistas» na administração norte-americana no início dos anos 60 em relação à política a seguir para com Portugal. Chace mostra-nos como a opinião de Dean Acheson foi fundamental para convencer John Kennedy da necessidade de modificar a política seguida nos primeiros meses da sua administração em relação a Portugal. Acheson preocupou-se sempre em aconselhar prudência nas relações com Portugal e deferência para com Oliveira Salazar, salientando constantemente a importância estratégica da base das Lajes, nos Açores, num período de importantes crises internacionais em Berlim e em Cuba.

<sup>1</sup> As expressões são, respectivamente, de Thomas McCormick em *America's Half Century. United States Foreign Policy in the Cold War and After*, Johns Hopkins University Press, 1995, e de Melvyn P. Leffler em *A Preponderance of Power. National Security, the Truman Administration and the Cold War*. Stanford University Press, 1992.

<sup>2</sup> Franz Kofsky, *Harry S. Truman and the War Scare of 1948*. St. Martin's Press, 1993, e Richard M. Freeland, *The Truman Doctrine and the Origins of McCarthyism. Foreign Policy, Domestic Politics, and Internal Security, 1946-1948*. New York University Press, 1985.